

A Boa Nova

UMA REVISTA DE ENTENDIMENTO

Suplemento Português da Revista "The Good News" de Novembro-Dezembro 2010

Como Controlar o Stress do Casamento Nestes Tempos Difíceis?

Quando em alguns países, metade de todos os casamentos falha, é óbvio que muitos casais estão em apuros. Infelizmente, o 'stress' parece estar a aumentar por todos os lados. Quais são as pressões que muitos maridos e esposas enfrentam hoje? Que podem fazer para controlar essas pressões, para que os seus casamentos sobrevivam?

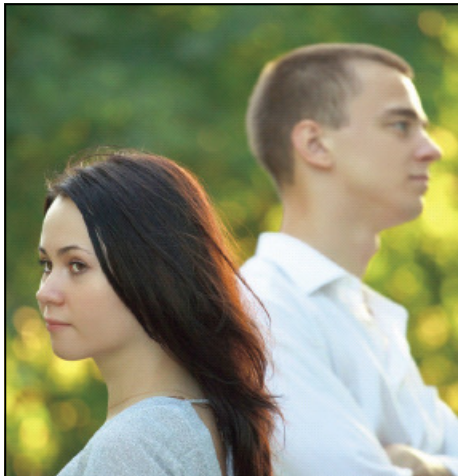
por Becky Sweat

Quando eu era adolescente, minha avó me contava histórias de como era ser uma jovem noiva no início da Grande Depressão. "Eram tempos de muito 'stress' para mim e minha avó", ela me dizia de vez em quando.

Eles se preocupavam com o dinheiro e com as despesas, e por quanto tempo teriam os seus empregos. Eles nunca foram demitidos, mas meu avô foi obrigado a trabalhar 12 horas por dia e aceitar uma redução salarial para manter seu emprego na ferrovia. Minha avó trabalhou igualmente longas horas em uma fábrica têxtil. Depois que meu pai e seus três irmãos nasceram, a minha avó deixou o emprego na fábrica para cuidar deles, mas ela ainda trabalhava como costureira para que eles tivessem dinheiro para comprar mantimentos.

A minha avó admitiu que, naquela época, meu avô e ela tiveram as suas

brigas. "Nós tínhamos idéias diferentes sobre como o dinheiro devia ser gasto e sobre como criar os filhos." Durante esses anos, meus avós se sentiam extremamente desgastados, e provavelmente não eram tão pacientes um com o outro como esperavam ser.



Então, no final de 1930 a irmã mais velha do meu pai morreu com a idade de 8 anos, e os pais da minha avó, que estavam desempregados e sem-teto, foram morar com eles, aumentando ainda mais a tensão familiar.

Ainda consigo ver a minha avó com lágrimas nos olhos, dizendo-me que ela e meu avô costumavam culpar-se pela morte de sua filha e como os dois ficaram tão deprimidos que pararam de se falar por um tempo.

Mantendo-se unidos durante períodos difíceis

Nunca vou esquecer as conversas com minha avó. Ela queria que eu entendesse que todo casamento tem os seus altos e baixos. Mas, como ela era franca sobre os desafios que enfrentou com meu avô, sempre enfatizou seu compromisso de se manterem unidos nos bons e maus momentos.

Publicado pela Igreja de Deus Unida — *uma Associação Internacional*

www.revistaboanova.org

© 2010, Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*. Todos os direitos reservados.

Provavelmente todos os maridos e esposas que tenham estado casados por um tempo têm suas próprias histórias acerca das dificuldades que tenham enfrentado. Num certo sentido, isso não é novidade nenhuma. Parceiros no casamento sempre enfrentam dificuldades e problemas que afetam seu relacionamento.

Os psicólogos se referem a essas dificuldades como **estressores ('stresses') conjugais**. Simplificando, um estressor conjugal é qualquer tipo de influência externa, circunstância ou evento que desafia ou ameaça um casamento. Estes podem causar tensão e discórdia entre os cônjuges, e até mesmo fomentar uma amargura que pode destruir um relacionamento. Também pode haver efeitos mais sutis. Alguns estressores conjugais fazem com que maridos e esposas se afastem gradualmente, com pouco ou nenhum conflito entre eles.

Estressores comuns no matrimônio incluem problemas financeiros, desemprego, problemas de intimidade, infidelidade, pontos de vista divergentes sobre paternidade, doenças crônicas de um membro da família, a morte de uma criança e dificuldades com os sogros. Estas questões têm sido fontes de atrito para maridos e esposas.

Certamente, muitos casais têm problemas semelhantes hoje em dia. Além disso, existem ameaças novas aos casamentos, as quais não existiam uma ou duas gerações atrás, ou pelo menos da mesma forma ou da mesma maneira que são agora.

No fim, a lista é longa e, obviamente, todas as possíveis fontes de estresse conjugal não pode ser abordada num só artigo. No entanto, há certas questões que conselheiros matrimoniais profissionais estão encontrando repetidamente em suas práticas. Vejamos o que acreditam ser algumas das maiores pressões sobre os casamentos de hoje.

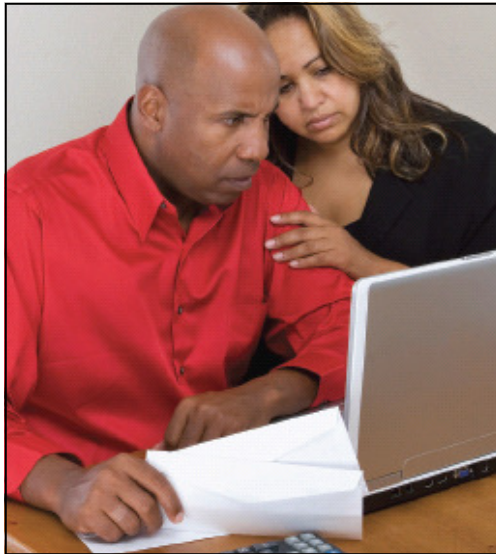
Dificuldades financeiras e perda de emprego

Mesmo nos bons tempos econômicos, o dinheiro é uma das principais causas de conflitos conjugais. Casais discutem sobre como usar seu dinheiro e quem está fazendo mais para manter o orçamento da família no azul.

Mas numa economia difícil como nos encontramos correntemente, com altas taxas de desemprego, reduções salariais,

aumento do custo de vida, o endividamento crescente do cartão de crédito, os valores das casas em queda, e encolhimento de contas de aposentadoria, os casais podem se encontrar muito mais "no limite" sobre as finanças.

"Muitas vezes um dos cônjuges é poupador e o outro gastador, e isso pode criar um monte de brigas, especialmente durante períodos financeiros apertados, quando os casais têm uma reserva monetária muito pequena", observa Bradford Wilcox, Ph.D., diretor do Programa Nacional de Casamento da Universidade de Virgínia.



Se o rendimento da família é cada vez menor — porque talvez um dos cônjuges foi despedido ou os juros do cartão de crédito estão devorando um pedaço maior do orçamento — o Dr. Wilcox diz que pode "roubar de um casal as esperanças dum futuro juntos, porque não têm nenhum dinheiro para colocar em poupança para objetivos de longo prazo como uma viagem de férias ou um depósito para comprar uma casa. Em vez disso, eles estão se preocupando com despesas diárias e pagamento das dívidas, que paira sobre o casamento como uma nuvem de tempestade."

Obviamente, a queda dos valores das casas e das contas de aposentadoria pode dar-lhes uma perspectiva sombria.

Qualquer tipo de perda de emprego ou redução de salário pode ser devastador, mas especialmente se acontecer com o marido. "Embora tenha havido uma grande mudança nas famílias contemporâneas, ainda há uma expectativa implícita de que o marido será o provedor primário. Se ele não é capaz de fazer isso, a situação torna-se um grande golpe para

a sua auto-estima", diz Dr. Wilcox.

Se o marido sente que seu papel como provedor está sendo ameaçado, ele pode ficar ressentido ou buscar algum tipo de escape das pressões caseiras, como as drogas, o álcool ou um relacionamento extra-conjugal, o Dr. Wilcox acrescenta.

A esposa, também, pode tornar-se ressentida, especialmente se ela ainda vai trabalhar todos os dias além de cuidar dos filhos e do trabalho doméstico. "Se o marido tem dificuldades para encontrar outro emprego, ele pode tornar-se desanimado e desmotivado para continuar procurando. Para a mulher, isso pode parecer como uma promessa quebrada, porque ele não está tentando ser o provedor", diz James Craig, Ph.D., um terapeuta matrimôniofamiliar que tem um escritório em Indianápolis, Indiana.

Como um casal reage aos estressores financeiros varia. Algumas pessoas podem gritar, enfurecer-se, ou culpar o outro. Outras podem voltar-se para si mesmas e tornar-se ainda mais ansiosas, deprimidas e isoladas.

"Qualquer comportamento que distancia você de seu parceiro — parar de falar, separar-se, não interagir com o outro, não mostrar afeto, não ter contato sexual — será prejudicial", adverte Larry Barlow, Ph.D., coordenador do Centro de Terapia para Casais e Famílias da Universidade do Estado de Flórida. "Portanto, agora, não há apenas problemas financeiros, mas também problemas matrimoniais."

Muito ocupados – que se torna Tóxico

Nosso estilo de vida frenético também está causando problemas matrimoniais. Muitos casais têm suas agendas sobrecarregadas com o trabalho, cuidado com os filhos e as responsabilidades domésticas, bem como atividades recreativas e funções sociais. Depois de gastarem a sua energia em todas essas exigências e compromissos, não lhes resta muito tempo ou energia para o outro ou até mesmo para descansar e relaxar.

Ann Shorb, Ph.D., tem observado isto freqüentemente nos casais que visitam a sua prática de aconselhamento em Hanover, Pensilvânia. Ela está sempre encorajando-os a passar mais tempo uns com os outros, mas "muitos deles, simplesmente não têm tempo disponível para uma 'hora do casal' nas suas vidas tão repletas de atividades", diz ela. "Quase todos os casais com quem eu falo têm uma vida com tantas pressões e

exigências intermináveis que os deixam super-comprometidos e sobrecarregados."

Certamente, a vida nem sempre foi assim tão agitada. Na década de 1970, em cerca de dois terços dos casais um dos cônjuges ficava em casa (geralmente a esposa). Todas as responsabilidades domésticas eram realizadas durante a semana. Mas hoje, apenas 40 por cento das famílias têm uma pessoa que fica em casa.

Casais hoje em dia trabalham uma média combinada de 63 horas por semana, contra apenas 52,5 em 1970, de acordo com um relatório sobre a flexibilidade do local de trabalho produzido em 2009 pelo Centro Legal da Universidade de Georgetown. Com ambos os pais a trabalhar tantas horas fora de casa, muitos sentem que não têm outra opção se não usar as noites durante

a semana e os fins de semana para fazer limpezas e várias tarefas pequenas do lar que não conseguem fazer durante os dias da semana.

Uma 'hora do casal' ainda se torna mais difícil quando o marido e a mulher têm horários de trabalho diferentes. Um pode trabalhar durante o dia, enquanto o outro à noite, e os seus horários podem coincidir apenas por um período curto de dia a dia. Com o rápido crescimento de empregos de 'serviços' (que exigem que empregados estejam disponíveis a servir o público 24 horas por dia), o número de pessoas trabalhando em turnos fora do padrão ou durante a noite tem crescido dramaticamente na última década.

Harriet Presser, Ph.D., professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Maryland, tem pesquisado extensivamente esta tendência. Seus estudos descobriram que, hoje, em em cada quatro casais com dois salários na América, um dos cônjuges trabalha à noite, ou tem um horário rotativo com turnos diferentes do padrão.

Normalmente esses empregos exigem, pelo menos, algum trabalho no fim de semana. Ela diz: "Estes horários destroem a estabilidade do matrimônio, aumentam a quantidade de trabalho doméstico

necessário, reduzem a coesão na família e necessitam de planos complicados para cuidar das crianças." Casais em que um dos cônjuges trabalha um turno noturno, têm muito menos 'tempo de qualidade' juntos e mais infelicidade conjugal, que casais aonde os cônjuges trabalham horas fixas durante os dias. Eles também são mais propensos à separação e ao divórcio.

Além destes horários de trabalho



complicados, os pais muitas vezes têm seus filhos envolvidos numa ampla gama de atividades extracurriculares. "Os fins de semana costumavam ser um tempo para as famílias descansarem e relaxar", diz William Doherty, professor e diretor do Programa de Terapia de Matrimônio e Famílias da Universidade de Minnesota. "Agora os pais estão ocupados todos os fins de semana levando seus filhos dum evento esportivo a outro."

Isso não significa necessariamente que devam parar de fazer isso. Alguns adicionam passatempos individuais e recreação aos seus frenéticos horários — longos fins de semana de caça, jogos de futebol com os amigos, noites de senhoras em clubes, etc. Em seu livro "Resgate Seu Casamento" (Take Back your Marriage) professor Doherty escreve: "Se a maioria dos pais já não estivessem super-lotados com atividades para a juventude, talvez as atividades adultas não seriam uma grande preocupação. Mas, na verdade, entre levar crianças dum atividade a outra, e estar pessoalmente envolvido em duas ou três atividades adultas, você sabe o que vai tomar o último lugar na sua vida — o seu casamento.

"É uma função do que está programado e para quem nos sentimos

responsáveis pelo nosso tempo. Sentimo-nos responsáveis perante os nossos filhos e aos compromissos que fizemos a eles e para eles. Sentimo-nos responsáveis perante o clube do livro que prometemos atender mensalmente, perante a comissão de educação religiosa que juntamos, e perante o comitê de angariação de fundos dos Pais. Mas a maioria de nós não se sente responsável para ter cara-a-cara

'hora de casal' sozinhos com nosso esposo ou esposa, porque nós nunca programamos esse tempo" (p. 66). Horários muito ocupados não conduzem automaticamente aos problemas do casamento, mas apresentam um desafio que precisa ser abordado. "Parceiros conjugais podem encontrar-se desconectados um dos outros, porque não estão passando muito tempo juntos e estão realmente

vivendo vidas separadas", diz Kelly Roberts, uma instrutora clínica e conselheira de matrimônio e família do Departamento de Desenvolvimento Humano e Ciências de Família da Universidade do Estado de Oklahoma.

Além disso, Roberts acrescenta: "O estilo de vida super ocupado também pode fazer com que maridos e esposas se sintam desgastados e estressados, o que pode torná-los mais impacientes um com o outro." Isto é especialmente verdadeiro se os casais não estão tendo o cuidado de si próprios com boa qualidade de sono e alimentação.

Distrações eletrônicas

Outra maneira que o tempo disponível e atenção estão sendo direcionados contra o casamento é através da tecnologia. O que costumava ser "tempo de casal" é freqüentemente consumido pelos computadores, iPods, iPhones, videogames e outras inúmeras distrações eletrônicas. Certamente, essas coisas talvez não o tornem ansioso, como os outros 'estressores', mas são definitivamente uma ameaça ao casamento.

No seu nível mais simples, passando muito tempo à frente do monitor, pode tornar o tempo insuficiente para o

relacionamento conjugal, o que prejudica a proximidade e sutilmente constrói barreiras entre marido e mulher.

"Há uma falta de atenção integral nos casais de hoje, e em grande parte é por causa de todas essas distrações eletrônicas", observa Bárbara Koppe, uma assistente social clínica licenciada em St. Louis, Missouri, que se especializa em Casamento e Terapia Familiar. "As pessoas estão conectadas aos seus aparelhos eletrônicos praticamente todos os minutos que estão acordados durante o dia."

Ela diz que esta é uma questão que surge muitas vezes quando os casais vêm para aconselhamento: "Muitas pessoas reclamam que o cônjuge presta mais atenção ao seu smartphone do que nelas."

Mas não são somente as novas tecnologias que empurram os cônjuges em direções opostas. A televisão, que existe há várias gerações, continua a ser um problema. Barbara Koppe pergunta regularmente a casais quanto tempo é que eles vêem televisão, e mais da metade diz que é a partir do momento que chegam em casa depois do trabalho, até quando vão dormir.

"E até mesmo quando estão comendo o jantar", ela diz. "Então pergunto-lhes: 'Quando conversam?'" E a resposta é não; não conversam. Então, todas essas distrações tornam muito mais difícil dialogar e manter essa comunicação."

Isso não quer dizer que os parceiros conjugais estão intencionalmente se desligando uns dos outros. Algumas pessoas simplesmente deixaram-se levar pelo hábito de ligar constantemente seus computadores ou aparelhos eletrônicos. Outros se sentem tão exaustos depois do trabalho que a única coisa que lhes interessa é descansar à frente da televisão. E alguns têm e-mails profissionais que devem ler ou enviar à noite.

Dra. Ann Shorb acha interessante que, por um lado "temos mais meios de comunicação hoje do que jamais tivemos, no entanto, os casais estão realmente mais distantes uns dos outros." Isso, ela acredita, não é só porque os casais estão passando tanto tempo on-line, mas porque "muitas vezes eles estão se comunicando através do envio de mensagens de texto **em vez de** falar pelo telefone ou cara a cara."

Estas trocas eletrônicas de pedacinhos de informação definitivamente **não são** os blocos de construção de fortes relacionamentos, diz ela.

Infidelidade "Online"

Um aspecto muito mais insidioso da Internet, além do roubo do tempo do casal, é o fato de ela ser uma fonte de pornografia, fantasia erótica, relações ilícitas, namoros no 'ciberspace' (através da internet) e, finalmente, a destruição de casamentos.

De acordo com um relatório da Associação Americana do Casamento e Terapia Familiar, entre 20 e 33 por cento dos usuários de Internet estão 'online' para fins sexuais — tanto para exibição de imagens pornográficas ou para participar numa relação sexual online de algum tipo. A maioria são homens casados. Muitos, perfazendo um total de 17 por cento dos usuários se tornam dependentes da atividade sexual online.

"A Internet tem proporcionado às pessoas muito mais maneiras de violar seus votos de casamento", diz o Dr. James Craig. "Você já não tem que ir a um clube noturno desprezível. Você não tem que ir a um posto de gasolina para comprar uma revista obscena. Não há mais necessidade de visitas secretas a motéis obscuros. Você apenas tem que ligar o computador e já tem todo o cibersexo que quiser, tudo na privacidade da sua casa."

Ele e outros profissionais de casamento acreditam que a internet logo será a forma mais comum de infidelidade, se já não é. Isso porque é tão acessível, e as pessoas podem participar de forma anônima.

Em alguns casos, "ciber-adúlteros" marcam um encontro na vida real e participam numa aventura amorosa "ao vivo". Mas mesmo que a relação on-line não vá além do "cibersexo", esse, juntamente com a exibição pornográfica, certamente ainda é uma forma de infidelidade e uma séria ameaça a um casamento.

"As pessoas estão vendo um monte de vícios sexuais online nos escritórios", diz Dra. Ann Shorb. "Há uma quantidade enorme de acessos a esses conteúdos acontecendo agora, e isso está destruindo casamento após casamento."

E isso prejudica a confiança e a intimidade na relação marido-mulher, que muitas vezes leva ao fim do casamento. O cônjuge do viciado em sexo pode desenvolver profundas feridas emocionais e sentimentos de traição, de perda, de ruína, e de raiva.

A pornografia estimula especialmente uma visão distorcida da sexualidade na mente do viciado, que pode levar a desejo

mais arriscado, mais perverso e até mesmo a comportamentos sexuais criminosos. "Este é um problema que pode ser superado", diz a Dra. Ann Shorb, "mas definitivamente precisa de intervenção profissional."

Declínio Ético e Moral

Enquanto os casais enfrentam graves tensões conjugais hoje, um ponto chave a lembrar é que as pessoas **sempre** experimentaram dificuldades.

A história dos meus avós, mencionada no início deste artigo, é um desses exemplos. Eles encontraram muitos dos mesmos eventos estressores durante a década de 1930 que os casais que lutam hoje — seja com as finanças apertadas, dias longos de trabalho, as pressões de pais e sogros, ou a morte de um filho. Muitos casais durante esses anos tiveram histórias semelhantes de adversidade. No entanto, eles não deixaram os "pontos ásperos" da vida destruir seus casamentos.

As taxas de divórcio foram relativamente baixas nesses anos no mundo Ocidental, com 10 por cento dos casamentos terminando em divórcio. Isso era verdade não apenas para o período de 1930, mas durante toda a primeira metade do século 20. Era assim, em parte, porque simplesmente não era prático separar-se.

O divórcio era considerado algo vergonhoso que "pessoas respeitáveis" não buscavam, observa a Dra. Ann Shorb. Também era muito complicado e caro, os casais tinham que "provar" os motivos para o divórcio, e a maioria não podia pagar todas as taxas legais. Além disso, a maioria das mulheres não tinham empregos e não tinham capacidade de viver por conta própria.

No final dos anos 1960 a taxa de divórcio começou a subir no Ocidente. Essa taxa elevou-se constantemente por duas décadas até atingir seu pico em cerca de 50 por cento em 1980 nos Estados Unidos, onde permanece desde então.

Outros países Ocidentais seguem a mesma tendência, embora as percentagens não sejam tão altas como nos Estados Unidos. Vejamos as taxas no Brasil:

No artigo do site "Abril.com.br" intitulado "IBGE: taxa de divórcio cresce 200% em 23 anos no País", a autora Jacqueline Farid diz que "a taxa de divórcio em 2007, quando se completou 30 anos da instituição do divórcio no Brasil, atingiu o pico da série iniciada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1984." A Sra

Jacqueline Farid adiciona: "Somando separações e divórcios, houve 231.329 uniões desfeitas em 2007, uma para cada quatro casamentos." Isto representa uma taxa de 25% divórcios e separações comparado com o número de casamentos no Brasil em 2007.

O que levou a este aumento dos divórcios mais do que qualquer outra coisa, o Dr. Craig diz, foi o **declínio ético e moral**.

Na verdade, nestes dias, há uma série de pressões externas, tornando difícil para os casais permanecer conectados. As pessoas estão provavelmente mais ocupadas que nunca, e orçamentos domésticos são mais apertados do que desde a Grande Depressão. Mas, esses tipos de problemas não são em última análise, a causa da ruptura conjugal. Se fosse assim, todos os casamentos seriam tão seguros quanto as tendências sociais e as circunstâncias à sua volta.

O egoísmo prevalece sobre o compromisso

"A última ameaça aos casamentos de hoje não são os estressores externos, mas o que está acontecendo

internamente", diz o Dr. James Craig. Frequentemente na nossa sociedade moderna, se o casamento for ou se tornar "muito difícil" ou se não satisfaz as nossas necessidades, não temos inibições para separar.

"Hoje, muitas pessoas mantêm-se num relacionamento apenas quando estão recebendo mais do que oferecendo", observa Craig. "As pessoas estão mais focadas em fazer-se feliz, em vez de fazer o que é certo. Elas não são tão comprometidas com seus votos matrimoniais como as pessoas eram antigamente."

Quando essa abordagem para o casamento é combinada com os problemas inevitáveis da vida, a "cola", muitas vezes não se sustenta, diz o Dr. Craig. Por exemplo, se uma doença debilitante afeta seriamente a capacidade de um cônjuge de se oferecer ao outro, a relação pode não sobreviver ao teste.

Acrescenta a Dra. Shorb: "Vivemos num mundo muito egocêntrico. A nossa publicidade promove esta atitude. É-nos dito: 'Você merece um descanso hoje' e 'é tudo acerca de mim.' Esquecemos-nos de servir aos outros — e é isso que o casamento é — 'Como posso atender às suas necessidades?' Ao invés de focar em 'O que há no casamento para mim?'"

Ela diz que a infidelidade online é o sintese dessa mentalidade: "Eu tenho as minhas necessidades e ninguém as satisfaz, então vou cuidar de mim e farei minhas próprias coisas."

Para muitos, a religião já não é a autoridade em suas vidas, e então tudo o



que a Bíblia diz sobre o que um casamento deveria ser ou não ser, incluindo os ensinamentos contra o adultério — não lhes importa. "Não existem padrões mais em nossa sociedade — não existem definitivas distinções entre o bem e o mal", observa Koppe. "As pessoas duma maneira geral fazem o que lhes dão vontade."

Esta abordagem secular ao casamento, "sem compromisso, o eu primeiro", começou no fim da década de 60 e início da de 70, com a época do amor livre, das drogas e do sentimento anti-autoridade. E também foi quando se iniciou a atitude revolucionária do divórcio "sem culpa", o que permitiu a um dos cônjuges dissolver um casamento, por qualquer motivo, ou mesmo sem motivo algum.

Desde então, tem havido uma crescente aceitação do divórcio. "É tão fácil hoje em dia divorciar-se," observa Koppe. Ela diz que certamente há

situações em que o divórcio é justificado, como em casos abusivos. Mas hoje, "na maioria das vezes, os casais simplesmente deixam de se amar e não tentam resolver os problemas. As pessoas não se esforçam para manter o casamento, como era costume antes. Elas não querem ter que suportar qualquer tipo de dificuldades."

Que contraste com as intenções de Deus para o casamento! Nós somos admoestados repetidas vezes na Bíblia que o casamento deve ser **um compromisso para toda a vida**. Para começar, em Mateus 19:6 Jesus afirma: "O que Deus ajuntou, não separe o homem." Essa advertência se repete em

Marcos 10:5-9.

O apóstolo Paulo escreveu em Romanos 7:2 (ARA), "Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, **enquanto ele vive**" (grifo nosso no artigo). Não há nenhuma concessão dizendo "se o casamento não é mais gratificante."

Em 1 Coríntios 7:10-24 Paulo aborda o problema do divórcio, que era bastante comum naquela época, em cidades como Corinto. O versículo 10 (BLH) afirma que "a mulher

não se separe do seu marido," e o versículo 11 (BLH) acrescenta que "o homem não se divorcie da sua esposa." Colocando em termos modernos, **enfrentem as dificuldades e resolvam suas diferenças**.

Por fim, Malaquias 2:16 (BLH) diz: "Pois o Eterno, o Deus Todo-Poderoso de Israel, diz: **-Eu odeio o divórcio**; eu odeio o homem que faz uma coisa tão cruel assim. Portanto, tenham cuidado, e que ninguém seja infiel à sua mulher." Não existe nada mais claro do que isso.

Resistindo às tempestades juntos

Em última análise, o **compromisso incondicional** é a chave para resistir com sucesso a todos esses estressores conjugais. É somente quando os maridos e esposas estão totalmente comprometidos uns com os outros que eles serão capazes de resistir às pressões da vida, que certamente encontrarão pelo

caminho.

Isso quer dizer que *é necessário nos esforçar para viver de acordo com as normas do casamento descritas na Bíblia*. Isso inclui colocar as necessidades do outro à frente das suas, não abandonar um ao outro durante as dificuldades, e resolver as situações juntos como uma equipe. Este tipo de compromisso é o passo mais importante que você pode tomar para enfrentar qualquer tipo de tempestade conjugal. Algumas outras estratégias incluem:

Enfrentar as dificuldades com uma comunicação aberta. Se há questões que estão realmente lhe incomodando, você e seu cônjuge deve reservar um tempo para conversar em um ambiente descontraído. Esteja disposto a compartilhar suas preocupações, medos e esperanças, sem criticar ou julgar. Fale sobre como você pode trabalhar em conjunto para melhorar a situação.

"Para um casal trabalhar em equipe os parceiros têm de saber o que o outro está pensando", diz Pauline Boss, Ph.D., professora de ciência social da família na Universidade de Minnesota e autora de *Family Stress Management*. Quando você e seu esposo param de se falar os problemas conjugais se multiplicam.

Demonstre seu carinho. Tenha a certeza de dizer um ao outro "eu te amo", e diga muitas vezes. "Quando você está no meio duma dificuldade terrível é o pior momento para simplesmente assumir que seu companheiro sabe como você se sente", diz a Dra. Pauline Boss. "É durante os tempos difíceis que o seu parceiro necessita mais do que nunca da garantia do seu amor."

Desenvolva uma mentalidade positiva e grata. Nós somos ensinados em 1 Tessalonicenses 5:18 "Em tudo dai graças." Não importa qual seja a situação, há sempre alguma coisa para ser grato.

Minha avó costumava me dizer que "o trabalho do meu avô na ferrovia durante a Grande Depressão não era bem remunerado, mas pelo menos ele tinha um emprego." Ela tinha um enfoque positivo. Você também deve ter. Seja grato a Deus pelo que Ele fez em suas vidas. Aprenda a apreciar as boas qualidades do seu esposo, em vez de se concentrar em seus defeitos. É agradável estar ao lado de um cônjuge grato. Não só isso, mas se *você* mantiver uma perspectiva positiva, é provável que

o seu cônjuge siga o seu exemplo.

Planeje ter a 'hora do casal'. Tenha o cuidado de marcar *um período de tempo (quanto tempo for necessário)* no seu horário, várias vezes por semana, para estar a sós com seu companheiro e ficar longe de tudo que está causando o estresse.

Exemplos de atividades a fazer: Faça uma caminhada juntos. Saia para jantar. Faça um piquenique no parque. Levante-se meia hora mais cedo durante a semana de trabalho de modo que você e seu cônjuge possam ter um café da manhã [pequeno almoço] na cama antes de sair para o escritório. Saia de casa para tomar um café da manhã [pequeno almoço] no domingo, enquanto seus filhos ainda estão dormindo. Compartilhe um chá depois que as crianças estiverem na cama.

"Não importa o quão terrível seja o estresse, dêem a si mesmos, de vez em quando, uma pausa," diz a Dra. Boss. "Procurem tempo para falar um com o outro, mesmo sem crise, para que possam fortalecer um ao outro, e dizer: 'Sim, estou cansado', ou 'eu preciso de um abraço.' Quando os casais estão sob muito estresse, geralmente têm muito a dizer uns aos outros, mas não têm nenhum tempo para fazer isso."

Se não conseguem encaixar um tempo de "hora do casal" no horário de vocês, então é necessário priorizar os seus compromissos, de modo que possam ter tempo para "hora do casal".

Orem juntos. Juntos, como um casal, digam a Deus as coisas que lhe causam estresse em oração. Peça-Lhe para ajudá-los a discernir o que fazer para aliviar o estresse em suas vidas, e para ajudá-los a manterem-se comprometidos ao voto de casamento. Diga a Deus suas necessidades. Filipenses 4:19 nos diz que "O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus." Juntos, confiem na provisão de Deus.

Procurem o conselho. Em Provérbios 13:20, a Bíblia declara a importância de procurar o conselho de pessoas sábias. Se você ou seu companheiro está lutando com qualquer desses assuntos discutidos neste artigo, estejam dispostos a receber a ajuda profissional necessária.

Dependendo do problema, essa ajuda pode vir de seu pastor, de um conselheiro profissional matrimonial e de família,

ou de um conselheiro financeiro. "É melhor pedir conselho, logo que você comece a ter problemas, ao invés de esperar até que se tornem pontos de ruptura", informa a Kelly Roberts.

Olhe para os desafios como oportunidades para fortalecer seu casamento. Os "pontos ásperos" que você e seu cônjuge enfrentam podem realmente aproximá-los um do outro. "Quando vocês se esforçam juntos com toda as forças de uma maneira construtiva — estão se comunicando, estão apreciando um ao outro, estão pondo as necessidades do outro acima das suas — então o matrimônio de vocês torna-se mais forte e mais íntimo," diz o Dr. Larry Barlow. "Assim terão mais confiança para enfrentar a próxima dificuldade pelo caminho."

Lembrar-se disto pode ajudá-lo a ter a determinação de vencer esta luta pelo seu casamento.

Certamente, vivemos num mundo estressante. Nossas vidas são cheias de desafios. O importante é que você e seu marido ou esposa apoiem um ao outro durante os tempos difíceis, ao invés de permitir que as dificuldades da vida os separem! **BN**

Por que nasceu?

Por que existe?

**Qual
é o Seu
Destino?**



Peça este livro gratuito

É o Natal Realmente Feliz?

por Jerold Aust

De onde surgiu a ideia de um "Feliz Natal"? Teria começado com bem intencionados cristãos que desejavam apenas o melhor para os outros, ou seriam as suas origens bem mais velhas do que poderíamos supor? Desejar ao próximo um "Feliz Natal" agrada a Deus e Jesus Cristo? As respostas podem surpreendê-lo!

Os jovens recém-casados José e Candida entraram num shopping cheio de compras de Natal. Enquanto caminhavam pelos corredores iluminados, músicas natalinas competiam com o barulho de milhares de vozes. As decorações de Natal coloridas eram um deslumbramento para os olhos e os tons familiares de músicas natalinas contribuiu para aguçá-los o espírito consumista. Outros clientes e balconistas os cumprimentaram com um sorriso "Feliz Natal!"

Nós todos provavelmente ouvimos essa saudação à época do Natal, principalmente por um senhorzinho, vestido de vermelho, por todos chamados de Papai Noel, que diz às crianças: "Ho! Ho! Ho! *Feliz Natal!*"

Para algo tão comum, parece que a maioria das pessoas estão alegremente inconscientes de suas origens. De onde vem o Natal? O que significa isso? Se Jesus estivesse caminhando por um shopping, em Dezembro, o que ele pensaria? Será que Ele ficaria satisfeito com esta festa que supostamente é tida como uma comemoração do seu nascimento?

"Festival de inverno" pré-cristão: uma festa alegre

Por mais surpreendente que possa parecer, o Natal já existe acerca de 2.000 anos antes do nascimento de Jesus Cristo!

Originalmente, o Natal era o festival de inverno, observado por muitos séculos pelos povos desde a Babilônia ao Egito e até à Europa Central. Absolutamente, não tinha qualquer conexão com Cristo. Este festival de inverno não era conhecido pela Igreja primitiva do Novo Testamento, que apenas observou os festivais descritos na Bíblia, que Cristo guardou e ensinou a observar (Levítico 23).

Observe o que a Enciclopédia "Man, Myth & Magic" (*Homem, Mito & Magia*) nos diz acerca de como o antigo festival de inverno dos pagãos deu origem ao

Natal: "O Natal tem sua origem em duas festas pagãs antigas, a grande festa de Yule dos Norsemen (homens do Norte) e as saturnais romanas.

"A Saturnália envolvia a mais selvagem farra. Naturalmente esteve sob censura pesada da Igreja primitiva e, apesar do fato de que Jesus Cristo e os santos gradualmente substituíram divindades pagãs, a Saturnália foi considerada por muito tempo completamente fora do caráter com o ideal cristão.



Este mosaico do século III sobre o teto do túmulo do Papa Júlio I, sob a basílica de São Pedro em Roma, representa Jesus Cristo como o deus do sol Helios ou Sol Invictus no seu carro. Isto demonstra a mistura de crenças pagãs e bíblicas que existia nos primeiros séculos do cristianismo tradicional.

"No entanto, o festival estava tão fortemente enraizado em favor popular que não podia ser abolido. Finalmente, A Igreja [Católica], concedeu o reconhecimento necessário, acreditando que se o Natal [devia de ler, o 'festival de

inverno'] não poderia ser suprimido, então devia ser preservado em honra do Deus cristão.

"Foi só no século 4 que o 25 de Dezembro foi oficialmente decretado como o aniversário de Cristo, e foi só 500 anos mais tarde que o nome de 'Festival do Inverno' foi abandonado em favor da palavra *Christmas* (Natal)" (Richard Cavendish, editor, 1983, Vol. 2. "Christmas", p. 480, grifo do autor pelo artigo inteiro).

Se nem Cristo, nem os apóstolos instituíram o Natal, por que então demorou 800 anos para ser aceito pela Igreja Católica? Ocorre que Cristo e os primeiros cristãos *não* instituíram o feriado. O antigo 'festival do inverno' foi descortinado, por assim dizer, reinventado como o Natal moderno.

O Natal da Era pós-cristã: uma festa não tão alegre

Não é necessário realizar pesquisas muito profundas para se chegar à conclusão de que o Natal é, na realidade, uma festa pagã sob designação e roupagem novas.

A Igreja Católica, em seu início, quando estava a lidar com a antiga festa pagã do inverno, encontrava-se em um dilema em relação aos pagãos: se os forçassem a abandonar suas práticas de muitos séculos, certamente se arriscariam a perdê-los como seguidores. Então, como proceder?

Eles decidiram que, já que não podiam impedir os pagãos de observar seus rituais, simplesmente "cristianizariam" suas práticas e celebrações pagãs. Assim, eles adicionaram o nome de Cristo e a liturgia necessária, tornando-os cristãos, mas apenas de nome. Eles deram o nome "Natal" [dia de Natividade do Sol] ou "Christmas" [missa de Cristo] ao antigo 'festival do inverno' pré-cristão.

O historiador Sir James Frazer, que foi condecorado por suas contribuições à

compreensão das religiões antigas, explica: "Analisados em conjunto, as coincidências dos cristãos com os festivais pagãos são muito próximas e numerosas demais para serem acidentais. Elas **marcam as concessões desonrosas** que a Igreja [Católica], na hora do seu triunfo, foi compelida a fazer para com os seus rivais derrotados, mas ainda perigosos.

"Os protestos inflexíveis dos missionários primitivos [do tempo de Cristo], com sua denúncia ardente do paganismo, foram trocadas pela política flexível, a tolerância fácil, a caridade global dos eclesiásticos astutos, que perceberam claramente que se o cristianismo devia conquistar o mundo, **só o poderia fazer se relaxasse os princípios muito rígidos de seu fundador** [Cristo], alargando um pouco a porta estreita que conduz à salvação" (The Golden Bough, 1993, p. 361).

William Sansom, em "A Book of Christmas", descreve como os líderes da Igreja Católica racionalizaram a continuidade dos costumes pagãos pela sua redefinição como cristãos:

"Certamente, a Igreja oficial inspirou seus missionários a fazerem a festa de inverno como um festival cristão. Em 601, o Papa Gregório [540-604] instruiu Agostinho de Cantuária a seguir o costume de decorar templos com vegetação, decorando igrejas da mesma maneira, e solenizar o dia como festival cristão.

"Também não os deixem continuar a sacrificar animais ao Diabo, mas para o louvor de Deus matem animais para comer, dêem graças ao Doador de tudo por sua abundância. . . pois de mentes obstinadas é impossível cortar tudo de uma vez", disse o Papa Gregório (1968, p. 30).

Essas decisões abriram o caminho para muitos costumes pagãos serem importados para a Igreja Católica com pouca ou nenhuma alteração.

No "The Christmas Almanak" [Almanaque de Natal], Gerard e Patricia Del Re acrescentam: "Há indicações de que, como os Cristãos andavam de ano a ano, século a século, desenvolvendo os ritos de Natal, eles emprestavam, adotavam, ou simplesmente traziam elementos de outras celebrações de inverno" (1979, p. 15).

Fixando a data do Dia de Natal

O Sir James Frazer, citado anteriormente, fala sobre esse processo de mistura do paganismo com o cristianismo: "Uma relíquia instrutiva da longa luta

[entre o cristianismo primitivo e as competitivas religiões pagãs] é preservada na festa de Natal, que a Igreja [Católica] parece ter emprestado diretamente dos seus rivais pagãos.

"No calendário Juliano, o vigésimo-quinto dia de Dezembro era considerado o solstício de inverno, assim como o aniversário do dia do nascimento [Natividade] do Sol, porque o dia começa a ser mais longo [no hemisfério do Norte] e o poder do sol aumenta a partir desse ponto de viragem do ano. . .

"Quais considerações levaram as autoridades eclesiásticas a instituir a festa de Natal? Os motivos para a inovação são apresentadas com grande franqueza por um escritor sírio, ele próprio um cristão. . . 'Era um costume dos pagãos comemorar no mesmo vigésimo-quinto de Dezembro como o aniversário do dia de nascença do Sol, no qual acendiam as luzes em sinal de festa. Nestas solenidades e festividades, os cristãos também participavam. Assim, quando os [teólogos] da Igreja perceberam que os cristãos tinham uma propensão a este festival, tomaram conselho e resolveram que a verdadeira Natividade fosse celebrada no mesmo dia..

"Assim, parece que a Igreja [Católica] decidiu comemorar o aniversário de seu Fundador, a vinte e cinco de Dezembro, a fim de transferir a devoção dos pagãos do Sol para aquele que foi chamado de o Sol da Justiça" (The Golden Bough, pp 358-359).

Estas fontes de informação contrastam claramente práticas e costumes modernos cristãos com a verdade bíblica. Poucos praticantes cristãos têm conhecimento que os originais colonizadores cristãos da América do norte desaprovavam o Dia de Natal. Por causa das origens pagãs do dia, eles se recusaram a ter qualquer coisa a ver com isso.

Não havia Dia de Natal na América Colonial

Pode este fato lhe ser surpreendente, mas os puritanos do século 17 e 18, nas Ilhas Britânicas, e os americanos coloniais condenavam o Dia de Natal. As colônias do nordeste americano se opuseram agressivamente contra a observação dos

costumes pagãos europeus do Natal. Se alguns dos colonos pendurassem decorações de Natal, como guirlandas verdes ou visco, ou decorassem suas casas com enfeites de Natal, estavam sujeitos à multa, prisão, e eram abertamente hostilizados.

"O indifereçável elemento pagão do Natal muitas vezes provocou críticas dos protestantes extremos, mas a festa não foi muito afetada por suas crenças, até os puritanos assumirem o poder [na Inglaterra], no século 17. Natal foi atacado como o dia dos 'pagãos antigos' festejando a Saturno, seu Deus, e canções de Natal foram proibidas.

"Finalmente, 25 de Dezembro foi proclamado um dia de jejum [e não uma festa] em 1644. A nova regra foi aplicada pelo exército, que gastou muito de seu tempo removendo as decorações que os festivos 'pagãos' tinham posto nas suas portas. Na Escócia, a proibição foi imposta com grande rigor. "Essa atitude anti-Natal espalhou-se pelos territórios puritanos na



América do Norte. A Igreja [Católica] estabeleceu serviços especiais para o Natal em Boston, durante a década de 1690, mas muitas autoridades civis opuseram-se fortemente a esta ação. Somente 150 anos mais tarde é o Natal veio a se tornar pela primeira vez um feriado oficial nos Estados Unidos, no Estado de Alabama em 1836" (Man, Myth & Magic, Vol. 2, pp. 480-481).

Para seu crédito, a Igreja Católica passou a aceitar a evidência bíblica de que Jesus, seus apóstolos e a primitiva Igreja do Novo Testamento nunca observaram o Natal. Segundo a **Nova Enciclopédia Católica**: "Os primeiros cristãos não se afastaram imediatamente da observância das festas judaicas [na verdade, "as festas fixas do Senhor", Levítico 23:2, 4]. Muitas referências no NT [Novo Testamento], indicam que Jesus e seus discípulos, bem como as primitivas comunidades cristãs na Palestina, observavam o Sábado [sétimo dia bíblico] e os principais festivais anuais" ("Festas Cristãs Primitivas", 1967, Vol.5, p.867).

Black Friday (A Sexta-feira Negra) e grandes lucros

Nas últimas décadas, a promoção do

Natal por parte das empresas tem ampliado a temporada natalina de forma exponencial.

"Black Friday" (A Sexta-Feira Negra), que é dia seguinte ao dia de Thanksgiving [dia de Ação de Graças, que é sempre na quarta quinta-feira de Novembro] nos Estados Unidos, é um dos dias mais importantes no calendário para muitos comerciantes na América. Varejistas abrem cedo [alguns até de madrugada] e oferecem artigos muito competitivos, a preços muito abaixo do custo, para atrair os consumidores natalinos às suas lojas.

É a estação para ficar mais rico, visto que os comerciantes que operam com prejuízo [no vermelho] durante todo o ano, agora vêm as suas vendas crescer repentinamente, operando com lucro até ao fim do ano. Os varejistas têm contribuído a desenvolver o espírito natalino, que está relacionado ao dinheiro. A partir da Black Friday (Sexta-feira Negra) até ao dia de Natal, há um momento feliz para os comerciantes, com grandes lucros.

Mas, de onde veio toda ideia de celebrar o chamado nascimento de Cristo que, aliás, nunca ocorreu nem perto do dia 25 de Dezembro) com compra, venda e troca de presentes?

"*A troca de presentes*, em harmonia com o significado do Natal, pode ter sido *influenciada por um costume semelhante entre os pagãos*, em 1 de Janeiro.

Presentes são trocados pelos franceses em 1 de Janeiro, pelos espanhóis e italianos, em 6 de Janeiro, e por outras nacionalidades, em 25 de Dezembro. Na maioria da Europa, era o Menino Jesus que trazia os presentes. Depois da Reforma, o dia em si foi personificado, e a figura do Pai Natal foi depois combinada com São Nicolau, o padroeiro das crianças, tornando-o o Papai Noel" (*Nova Enciclopédia Católica*, 1967, "Christmas and Its Cycle, Customs," p. 659).

Novamente, vemos as raízes pagãs e as práticas do feriado presentes até os nossos dias. Todavia, poucas pessoas verdadeiramente o questionam.

Origens do cumprimento "Feliz Natal"

O cumprimento "Feliz Natal" é bem comum em grande parte do mundo. Mas de onde surgiu a ideia de um feriado *feliz*?

James Hastings, em sua *Enciclopédia de Religião e Ética*, explica: "A Saturnália em Roma forneceu o modelo para a maioria dos costumes "felizes" da época de Natal. Esta festa romana era celebrada entre 17 a 24 de Dezembro. O período era

de alegria geral e contentamento. . . Durante o festival, as escolas foram fechadas. . . , Nenhum castigo era imposto. Em lugar da toga, uma capa era usada.

"As distinções de condições sociais eram postas de lado; escravos sentavam-se à mesa com seus mestres, ou eram servidos pelos mestres, e maior liberdade de expressão era permitida a eles. Jogos de dados com apostas, que eram ilegais, eram autorizados e praticados. Todas as classes sociais trocavam presentes e os mais comuns eram velas de cera e bonecas de barro. Estas bonecas eram especialmente dadas às crianças. . .

"*Uma boa parte dessa alegria romana é retida no carnaval*. . . a palhaçada [desempenhando o papel folclórico da estação], a fantasia, o chapéu pontudo (originalmente o chapéu do homem livre, que os escravos tinham permissão para usar durante estes dias, agora conhecido como o "boné do bobo"), a arreliação, zombaria universal e o confete (anteriormente grãos de trigo ou cevada).

"O Natal herdou a alegria geral de uma forma mais contida (excessiva apenas em comer e beber): jogos, troca de presentes (especialmente entre crianças), abundância de doces e, como elementos mais cerimoniosos, queima de velas e banhos antes do festival. Constatamos também que a época do Natal, como a Saturnália, durava pelo menos sete dias" ("Christmas Customs," Vol. 3, p. 609).

Assim, percebe-se que a alegria do Natal, como a troca de presentes, vem das celebrações pagãs. Lendo essas descrições, percebemos como pouca coisa mudou!

Jesus aprovaria um "Feliz Natal"?

O Natal honra Cristo... e Cristo honra o Natal? Desejaria Jesus um Feliz Natal a outros?

É típico nesta época do ano ouvir-se: "Coloque Cristo de volta no Natal." Mas isso seria impossível, porque *Jesus Cristo nunca esteve no Natal*. O Natal, como vimos, era uma antiga celebração pagã, que nada tinha a ver com o nascimento de Cristo e que, por outro lado, tudo tinha a ver com a homenagem aos deuses pagãos.

Natal apenas perpetua uma série de mitos sobre Jesus Cristo. Um fato que o Natal esconde é que Ele era realmente quem os israelitas adoravam como Deus no Antigo Testamento (Colossenses 1:15-17, Hebreus 1:2, 8; 1 Coríntios 10:4; e leiam o nosso livro gratuito *Jesus Cristo: A Verdadeira História*). E como o Deus do Antigo Testamento, Ele deu instruções

explícitas que Ele nunca devia ser adorado com as práticas que os pagãos usavam para honrar seus deuses:

"Quando o SENHOR, teu Deus, desarraigar de diante de ti as nações, aonde vais a possuí-las, e as possuíres e habitares na sua terra, *guarda-te que te não enlaces após elas*, depois que forem destruídas diante de ti; e que *não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: Assim como serviram estas nações os seus deuses, do mesmo modo também farei eu*.

"*Assim não farás ao SENHOR, teu Deus*, porque tudo o que é abominável ao SENHOR e que ele aborrece fizeram eles a seus deuses, pois até seus filhos e suas filhas queimaram com fogo aos seus deuses. *Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás.*" (Deuteronômio 12:29-32).

Vemos aqui da própria boca de Cristo o que Ele pensa em adotar e utilizar qualquer costumes pagãos para adorá-Lo. Ele chama essa prática de abominação!

O apóstolo Paulo tratou do mesmo princípio, quando escreveu aos membros da Igreja em Corinto, uma cidade grega conhecido por sua idolatria e adoração pagã. "Porque qual sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? ...

"E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei;" (2 Coríntios 6:14-17).

O apóstolo João também escreveu: "Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade." (1 João 1:6). É por isso que o Natal não é algo feliz aos olhos de Deus.

É também por isso que Jesus Cristo, seus apóstolos e a Igreja primitiva nunca instituíram, santificaram, praticaram ou ensinaram a festa pagã antiga que passou a ser denominada "Natal".

É, portanto, óbvio que os verdadeiros cristãos hoje devem seguir o seu exemplo. Ao invés de "Ho, Ho, Ho, Feliz Natal!", mais sincero seria dizer "Ho, Ho, Ho, Falsificação Banal!". É o que o Natal realmente é.

Se você optar por não celebrar o Natal nesta temporada e sim seguir a Deus e Sua verdade, Ele começará abençoá-lo com seus dons espirituais que conduzem à vida eterna! **BN**

Quais são os Dias Santos de Deus?

Todas as nações celebram feriados patrióticos. Estes dias especiais são lembranças de acontecimentos importantes na história de um país. Eles dão continuidade entre o passado e o presente de uma nação. Normalmente, o cidadão sabe e pode explicar, pelo menos parte, do significado dessas celebrações. Contudo, paradoxalmente, esse mesmo cidadão raramente sabe algo sobre os dias em que adora e honra a Deus. As raízes não bíblicas destas práticas religiosas são serenamente ignoradas nas suas celebrações.

Em resultado disso, as pessoas geralmente assumem que as observâncias populares, tais como a Sexta-Feira Santa, o Domingo de Páscoa e o dia de Natal são representações corretas de temas da Bíblia. Contudo, a Palavra de Deus em nenhuma parte ordena a sua prática, nem a Bíblia regista a sua prática pela Igreja primitiva do Novo Testamento. Porém, Deus *ordena* outras festas, às quais as pessoas raramente prestam atenção.

Algumas pessoas apercebem-se de que a Bíblia menciona dias específicos para celebrações religiosas. Mas somente muito poucas pessoas sabem mencionar por nome as celebrações religiosas bíblicas, e ainda menos pessoas sabem explicar o seu significado.

Geralmente, quem sabe destas festas crê que elas só foram aplicáveis ao Israel da antiguidade e que cessaram com a crucifixão de Jesus Cristo. Assumem que estes dias simplesmente apontavam para Cristo e, pensam, posto que Ele viveu na terra há 2.000 anos, a importância de tais dias já passou há muito. A maior parte das pessoas considera estas festas como nada mais que relíquias de história sem relevância para o mundo moderno.

Quer se creia, quer não, a própria Bíblia refuta tais pontos de vista populares. Um olhar objectivo aos registos bíblicos revela que quer o Natal quer o Domingo de Páscoa — as duas maiores festas do calendário Cristão — não se encontram em parte alguma da Bíblia. Surpreendentemente para muitos, o Novo Testamento mostra Jesus a celebrar os Dias Santos de Deus, assim como os Seus discípulos seguindo o Seu exemplo muitas décadas depois da Sua morte, sepultura e ressurreição.

O que os apóstolos ensinaram durante o primeiro século depois da ressurreição também difere do que a maior parte das pessoas assume. As instruções dos apóstolos revelam um Deus com intenções de que *todos* os Cristãos guardem os Dias Santos bíblicos — com uma razão importante.

O que revelam estes Dias Santos

Porque é que Deus quer que observemos os Dias Santos? Porque Deus quer que conheçamos o nosso futuro, e por isso Ele revela-nos *o Seu grande propósito para a humanidade*.

Ele explica porque nos pôs na terra, revela o nosso destino final e diz-nos como o podemos alcançar! A guarda dos Dias Santos de Deus fornece a chave para se compreender o ilusório “padrão unitário” de Isaiah Berlin, o que ele chamou o regulamento simétrico, e para nos dar sentido à nossa existência humana. O cumprimento destes dias revela o grande plano de Deus para o futuro da humanidade.

Os Dias Santos bíblicos, ou festas, dão-se durante três épocas do ano — a sega no princípio da Primavera, a sega ao fim da Primavera e a colheita ao princípio do Outono, na terra do Israel bíblico. Os temas que estes dias retratam reflectem o plano de Deus da *colheita espiritual* da humanidade para a eternidade referida por Jesus Cristo (João 4:35-38).

Estas observâncias servem de lembranças eternas de como o plano de Deus dá *vida eterna* ao homem mortal. O Nosso Criador fará com que o Seu plano se realize, a despeito das escolhas e acções do homem, as quais têm consistentemente conduzido à separação de Deus, ao sofrimento e à morte (Provérbios 14:12;



16:25; Isaías 59:1-8; Jeremias 10:23). Estas festas revelam progressivamente o desenvolvimento *do plano de Deus para a humanidade* e como Ele estabelecerá o Seu Reino na terra. Esta é a *boa nova*, ou o *evangelho* de que Jesus Cristo falou (Marcos 1:14-15). (Para mais informação sobre este importante assunto, queira, por favor, escrever-nos pedindo o nosso livro grátis *O Evangelho do Reino de Deus*.)

O desenho de Deus conceder à humanidade a vida eterna tem existido “desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). Os Dias Santos de Deus ensinam à humanidade este notável projecto. O apóstolo Paulo resumiu-o belamente na sua carta aos Efésios: “descobrimo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas *as coisas*, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que *estão* nos céus como as que *estão* na terra; nele, *digo*, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas *as coisas*, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:9-11).

Os Dias Santos ajudam-nos a compreender o *plano mestre* — a própria razão — de Deus, de como realmente nos tornamos o Seu povo. Reparemos esta descrição do nosso destino: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e *será* o seu Deus” (Apocalipse 21:3). Passo a passo, os Dias Santos mostram-nos como este belo quadro se tornará uma realidade.

No capítulo 23 de Levítico encontramos uma lista dos Dias Santos. Depois de abordar o Sábado semanal, o texto descreve observâncias especiais com nomes invulgares tais como Festa dos Pães Asmos, Festa das Semanas e Festa dos Tabernáculos. Deus ao dar estes Dias Santos a Moisés instruiu-o de que “Estas são *as solenidades do SENHOR*” (versículos 4 e 37, grifo nosso).

A Bíblia diz-nos que eventualmente Deus ensinará todos a observarem estes dias (Zacarias 14:16).

Para vir a saber o fascinante propósito de cada um dos Dias Santos de Deus, bem como da sua promessa de esperança para a humanidade, peça o nosso livro gratuito “*O Plano dos Dias Santos de Deus: A promessa de esperança para toda a humanidade.*” **BN**



Jesus acabou com a Lei?

Jesus quis acabar com os mandamentos de Deus?

Muitos viram-se para o Sermão da Montanha para apontar a "provas concludentes" de que Jesus retirou os Dez Mandamentos em massa, cumprindo a nossa necessidade de obedecê-los por sua morte. Mas, na verdade, longe de acabar com a lei, o sermão que Jesus deu é uma *confirmação e aprofundamento* da compreensão da intenção dos santos mandamentos de Deus.

Jesus declarou de forma inequívoca no seu sermão: "Não penseis que vim destruir a Lei ou os Profetas. Eu não vim para destruir, mas cumprir" (Mateus 5:17). O palavra grega *pleroo*, aqui traduzida por "cumprir", significa "fazer inteiro", "para preencher ao máximo", "fazer completo em cada detalhe", "para tornar perfeito" ou "levar até ao fim" (*Léxico Grego-Ingês do Novo Testamento* por Thayer, de 2005, Número 4137 da Concordância de Strong).

Longe de destruir ou abolir a lei, como alguns interpretam este versículo, Jesus disse que veio para preencher a lei à plenitude — para a completar e aperfeiçoar. Ele fez isso, mostrando a *intenção e aplicação espiritual* mais profunda da lei.

Vemos isso durante o resto do capítulo, onde Jesus passou a dar um significado mais profundo, contrastando a compreensão dos mandamentos de quem O escutava com a intenção de Deus pelas declarações: "*Ouvistes que foi dito aos antigos ... "e "Eu, porém, vos que..."*"

Ele assinalou para os ouvintes que, embora tivessem sido ensinados que não deveriam assassinar, o significado real do Sexto Mandamento foi que Deus espera que demos o valor a todas as pessoas e reconciliar todas as nossas diferenças com os outros em paz, não apenas abstermo-nos de arrebatar a vida de outrém (Mateus 5:21-26). Da mesma forma, é luxúria nossas mentes que concebe o ato de adultério que é pecado, não apenas o ato em si (versículos 27-32). **BN**

Um sábado Milenar e um Milênio Sabático?

Várias escrituras indicam que devemos esperar o sábado "milenar", após seis "dias" milenares de mil anos terem expirado.

Pedro disse: "Mas vós, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia" (2 Pedro 3:8; compare com Salmos 90:4).

Durante a criação, Deus instituiu o ciclo semanal de 7 dias. Quando ele "descansou no sétimo dia," Ele "o santificou", o qual significa que o tornou um dia eternamente santo (Gênesis 2:1-3).

Quando se acrescenta à cronologia bíblica os registros históricos, é evidente que o tempo decorrido desde Adão e Eva foi quase 6000 anos, que é seis milênios. Se Cristo voltar no final de 6.000 anos, o seu reinado será o *sétimo* milênio.

Será que Deus quer que pensemos no Milênio como um "Sábado" de 1.000 anos de repouso dos males, pressões e sofrimento dos 6.000 anos anteriores? Pelo que Hebreus 4:1-11 nos diz, a resposta é "sim". Esta passagem está comparando três "descansos". O repouso sabático semanal e o descanso para os israelitas depois que eles deixaram de vaguear e entraram na "terra prometida" de Canaã são tipos de "descanso final para o povo de Deus", depois de entrarem no Reino de Deus! (versículo 9).

O Milênio Representado pela Festa dos Tabernáculos

As sete festas sagradas anuais ordenadas na Bíblia descrevem os grandes acontecimentos seqüenciais no plano mestre de Deus para a salvação da humanidade. Todas elas são cuidadosamente explicadas no livro importante que oferecemos gratuitamente: *O Plano Dos Dias Santos de Deus*.

Dos sete festivais, o ponto alto de cada ano é quando o povo de Deus desfruta da Festa dos Tabernáculos de sete dias que representa o próximo milênio.

"A festa dos tabernáculos celebrarás por sete dias . . . E na tua festa te regozijarás . . . sete dias celebrarás a festa ao Senhor teu Deus" (Deuteronômio 16:13-15).

Em Êxodo 23:16 é chamada "Festa da Colheita", porque celebra cada ano a colheita do outono (no hemisfério norte). Mais importante ainda, celebra a colheita espiritual que terá lugar durante o Milênio

quando milhões e milhões de pessoas venham a compreender a verdade de Deus e ter a oportunidade de receber o Seu dom de salvação!

Durante o Milênio haverá uma grande ênfase em guardar a Festa dos Tabernáculos e usar esse tempo para ir a Jerusalém para adorar: "Então todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o Senhor dos exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos" (Zacarias 14:16).

Logo segue a descrição do "castigo de todas as nações que não subirem a celebrar a festa dos tabernáculos" (Zacarias 14:17-19). Cristo irá insistir que todos guardem essa festa muito importante! Será um tempo maravilhoso de aprendizagem, bem como uma alegre celebração.

É o Milênio a Mesma Coisa que o Reino de Deus?

Embora esses termos sejam muitas vezes usados como sinônimos, não são rigorosamente idênticos.

O Milênio é um *período de tempo* de 1.000 anos. O Reino de Deus é o reino de Deus e da família de Deus, que até agora tem dois membros, Deus Pai e Deus Filho, Jesus Cristo. O Reino de Deus irá governar a terra durante e após o Milênio.

E aquele Reino vai se expandir rapidamente naquela época. O plano incrível de Deus é de aumentar a Sua família, transformando seres humanos em filhos de Deus!

"Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de *se tornarem filhos de Deus*" (João 1:12).

Deus chama-nos Seus filhos a partir do momento em que recebemos o dom do Espírito Santo (Romanos 8:9, 14, 16, 21; 1 João 3:1-2). No entanto, tornamo-nos filhos de Deus total e permanentemente transformados e glorificados na ressurreição, quando Cristo voltar, quando receberemos um "corpo espiritual" (1 Coríntios 15:42-44). É então quando "herdaremos o reino de Deus" (vers. 50-54).

Evangelho significa "*Boa Nova*". Jesus estava pregando a boa nova que todos os seres humanos podem se tornar membros do Reino, a família, de Deus, bem como o que o reinado do Reino de Deus providenciará para o futuro do mundo.

Quando Cristo voltar, um anjo vai anunciar: "O reino do mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos" (Apocalipse 11:15, NVI). **BN**

O que ensinou Jesus sobre o pecado?

A maioria prefere aquecer-se pelas belas histórias a respeito de Cristo, no conhecimento da Sua graça e perdão dos pecados, sem reconhecer os requisitos de obediência para com Ele e Sua lei ou as conseqüências do pecado.

No entanto, longe de honrar o seu Salvador, o cristão que faz isso realmente *avilta* o sacrifício de Jesus Cristo e mostra uma falta de compreensão do que é o pecado e quanto custa.

O que é exatamente o pecado? A Bíblia define o pecado como transgressão da lei (1 João 3:4).

Jesus ensinou que as ações que levam aos

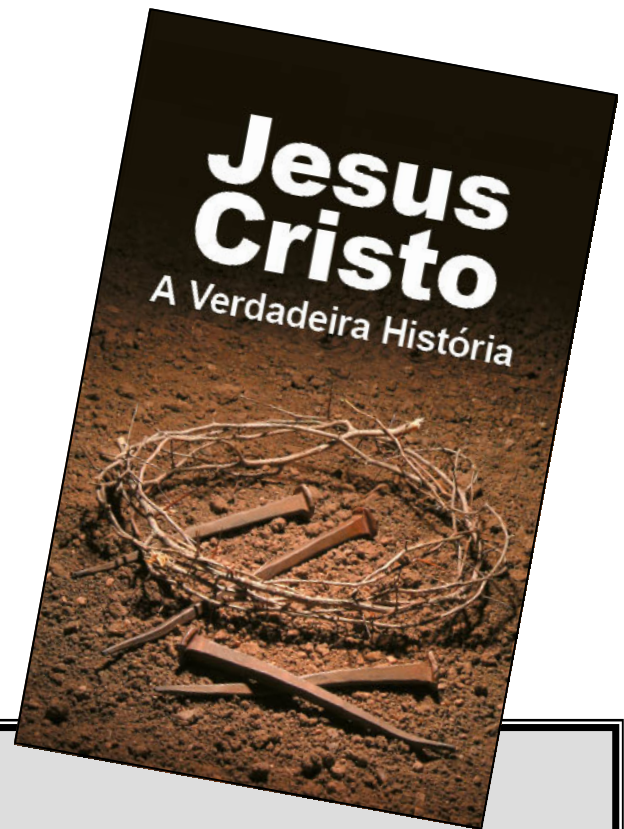
pecados deviam ser interrompidas, e não ser toleradas sob um guarda-chuva de graça incondicional. Em João 8, encontramos uma história de como os líderes religiosos de Seus dias tentaram apanhá-lo numa armadilha por meio de um julgamento difícil. Eles fizeram isso, trazendo-lhe uma mulher apanhada no ato de adultério e perguntando-lhe o castigo que merecia.

Jesus disse aos que a acusaram que a apedrejassem se estivessem sem pecado. Os acusadores partiram um por um. Mas a mulher disse: "Mulher, onde estão os teus acusadores? Ninguém te condenou?" Ela

respondeu: "Ninguém, Senhor." Jesus então lhe disse: "Nem Eu te condeno, *vai-te e não peques mais*" (vv. 10-11, grifo nosso).

Jesus disse-lhe que parasse de pecar. Se somos seguidores de Cristo, não deveríamos prestar atenção à Sua instrução também?

Para ter um conhecimento mais completo do Verdadeiro Jesus, peça uma cópia do nosso livro, "*Jesus Cristo: A Verdadeira História.*" **BN**



Para a sua conveniência, tome nota do nosso novo endereço no Brasil:

Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 7

Montes Claros—MG

CEP 39400-970

Brasil

Se deseja saber mais....

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nós encontramos as nossas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus por todo o mundo, como uma testemunha, e de ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mat 24:14; 28:19-20).

Gratuito: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público.

Estamos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja, e doutros colaboradores, que voluntariamente contribuem para o suporte desta obra. Não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, aceitamos de bom grado contribuições em ajuda a compartilharmos esta mensagem de esperança com outros. Todas as receitas são auditadas por uma firma independente de auditoria.

Igreja de Deus Unida, Caixa Postal 7, Montes Claros—MG, CEP 39400-970, Brasil

Ou Igreja de Deus Unida, P.O. Box 541027, Cincinnati, OH 45254-1027, EUA

www.revistaboanova.org

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC).

Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referenciada com as seguintes abreviações:

ARA: Almeida Revista e Atualizada; ACF: Almeida Corrigida e Fiel; BLH: Bíblia na Linguagem de Hoje; NVI: Nova Versão Internacional.

© 2010, Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*. Todos os direitos reservados.